



Olhares sobre a saúde e a qualidade de vida no trabalho do jornalista¹

Juliana BULHÕES Alberto Dantas²
David RENAULT da Silva³

Universidade de Brasília, Brasília-DF

RESUMO

Almejamos discutir o desenvolvimento inicial de uma pesquisa que envolve a temática de saúde do jornalista, mais especificamente sob a perspectiva da qualidade de vida no trabalho (QVT) à luz do pensamento das mudanças estruturais no jornalismo. Como premissa, temos a precarização da profissão de jornalista no país. Traçamos uma linha conceitual teórica da investigação, a fim de discutir os conceitos a serem desenvolvidos na pesquisa. Em seguida, discutimos as perspectivas atuais e futuras sobre o tema da saúde e QVT do jornalista.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; precarização do trabalho; mudanças estruturais no jornalismo; qualidade de vida no trabalho.

INTRODUÇÃO

O jornalismo brasileiro vem passando por uma série de transformações, incluindo mudanças na regulamentação profissional, ampliação das áreas de atuação, mudanças nas relações de trabalho, diminuição das equipes nas redações, aumento das atribuições e uma profunda influência da popularização da tecnologia.

Estimamos que no Brasil existam hoje 145 mil jornalistas profissionais (SILVA, 2014); com um mercado bastante exigente e com baixa remuneração, uma das características que julgamos predominante é a precarização da profissão no país.

Neste panorama, nos propomos a desenvolver um trabalho na interface entre a Comunicação e a Saúde. Para Gomes (2006, p. 237), a interação entre a saúde e a comunicação "pode oferecer uma importante contribuição para a prevenção, cuidados e promoção da saúde, reduzindo sensivelmente os custos com o tratamento das enfermidades e agravos".

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 2 a 4 de julho de 2015.

² Doutoranda em Comunicação pela Universidade de Brasília. Integrante do Grupo de Pesquisa Pragmática da Comunicação e da Mídia (Pragma/UFRN). Email: julianabulhoes.ad@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor adjunto e diretor da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Email: renauld.david@gmail.com.



Diante deste contexto, os pilares da nossa fundamentação teórica emergem das relações entre comunicação e saúde, da ligação entre as mudanças estruturais no jornalismo e a precarização da profissão de jornalista, dos estudos sobre o trabalho e das consequências do trabalho na saúde e na qualidade de vida no trabalho dos jornalistas. Sendo assim, neste trabalho nos propomos a apresentar nossa proposta inicial de pesquisa, em fase de desenvolvimento no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília.

1 MUDANÇAS ESTRUTURAIS NO JORNALISMO

Podemos sintetizar o conceito de mudanças estruturais no jornalismo como um "conjunto de transformações no jornalismo, que incluem novas formas de produção da notícia, processos de convergência digital e a crise da empresa jornalística enquanto modelo de negócios" (PEREIRA; ADGHIRNI, 2011, p. 39). Neste contexto, os autores estabelecem três eixos principais de análise sobre as mudanças estruturais no jornalismo: mudanças estruturais na produção da notícia, mudanças estruturais no perfil do jornalista e as novas relações com os públicos. A partir deste ponto, acreditamos que as mudanças estruturais no jornalismo estão intrinsecamente ligadas à precarização da profissão de jornalista.

A pesquisa Radiografia do Jornalismo Potiguar (BULHÕES, 2014) identificou que no estado do Rio Grande do Norte mais de dois terços dos jornalistas possuem dois ou mais empregos, enquanto que o índice brasileiro é cerca de um terço (MICK; LIMA, 2013). Além disso, cerca de 65% dos jornalistas potiguares trabalham entre 30h e 60h por semana, uma carga horária superior ao esperado para um jornalista com apenas um emprego, já que o Decreto nº 83.284/79 indica uma carga horária semanal de 25h semanais ou cinco horas diárias - o que pode ser explicado tanto pela multiplicidade de empregos, quanto por horas excedentes de trabalho.

Estes dados nos levaram a crer, na pesquisa de mestrado (BULHÕES, 2014), que o jornalismo potiguar passa por uma precarização, principalmente no que diz respeito às condições de trabalho do jornalista, o que nos guiou para questões de saúde e qualidade de vida deste profissional, que agora queremos desenvolver no âmbito do doutorado.

Entendemos por precarização um conjunto de fatores relativos a condições de trabalho que faz com que a prática profissional apresente dificuldades no seu pleno exercício. Druck (2011) mapeou seis tipos de precarização do trabalho oriundos do



contexto brasileiro: vulnerabilidade das formas de inserção e desigualdades sociais; intensificação do trabalho e terceirização; insegurança e saúde no trabalho; perda das identidades individual e coletiva; fragilização da organização dos trabalhadores; a condenação e o descarte do Direito do Trabalho.

Desses, acreditamos que prevalece na profissão de jornalista o segundo tipo, que segundo a autora “é encontrado nos padrões de gestão e organização do trabalho – o que tem levado a condições extremamente precárias, através da intensificação do trabalho (imposição de metas inalcançáveis, extensão da jornada de trabalho, polivalência etc.)” (DRUCK, 2011, p. 48). Sendo assim, os principais fatores determinantes para a atual precarização da profissão de jornalista são: as longas e intensas jornadas de trabalho, o acúmulo de funções e os baixos salários.

Sant’Anna (2005, p. 16) relata que os veículos de comunicação brasileiros “reduziram suas equipes, eliminaram coberturas jornalísticas setorializadas, dispensaram os profissionais”, enquanto que Marcondes Filho (2009, 2009a) ressalta que o jornalista teve seu trabalho aumentado com as tecnologias, passou a ter mais atribuições, o contingente nas redações foi reduzido, o prestígio diminuiu, a responsabilidade aumentou e, hoje, qualquer um pode exercer a profissão. Segundo o autor, este conjunto contribui para a precarização profissional.

Nos atendo à questão da tecnologia, Heloani (2006), aponta que as supostas vantagens da tecnologias vieram acompanhadas de cargas excessivas de trabalho, invasão da vida pessoal e desconfortos físicos como olhos irritados, dores no pescoço e nas costas, lesões por esforços repetitivos. “As organizações, pressionadas pelo processo de globalização, substituem cada vez mais o homem pela máquina, implementam novas tecnologias e obrigam o jornalista a adaptar-se freneticamente a elas” (HELOANI, 2006, p. 192).

Para Duarte (2004), a precarização laboral expressa a dinâmica de um fenômeno de transições e exposição aos diferentes riscos associados às dinâmicas atuais do mercado de trabalho. A autora relaciona esta questão aos vínculos contratuais instáveis e também às mudanças organizacionais constantes e irregularidade crescente dos horários e das remunerações, mesmo tendo por base vínculos contratuais estáveis.

Em uma mesma perspectiva, Accardo (1998) aponta que os efeitos da precariedade e da proletarização dos chamados “trabalhadores-jornalistas” resultam em um empobrecimento material (diminuição do poder de compra, endividamento



crecente, deterioração das condições de vida) e em problemas de ordem psicológica, como o estresse.

2 QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO

Nos voltando à questão do trabalho em si, Antunes (2009) nos aponta uma direção o dizer que o trabalho é uma atividade vital, podendo trazer felicidade social ou não, ter um sentido ou não. "Mais do que nunca, bilhões de homens e mulheres dependem exclusivamente de seu trabalho para sobreviver e encontram cada vez mais situações instáveis, precárias, quando não existentes de trabalho" (ANTUNES, 2009).

Em uma mesma perspectiva, Dejours (1992, 1997, 2011) apresenta os sofrimentos e prazeres que o trabalho pode causar, a busca pelo significado, pela motivação e pela satisfação. Ele divide as doenças oriundas do trabalho em duas categorias, doença mental e doença somática.

De acordo com Gomes (2006), dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT) estimam que no Brasil cerca de 57 mil pessoas morrem anualmente, vítimas de acidentes de trabalho e doenças ocupacionais. Nos voltando especificamente ao caso dos jornalistas, Heloani (2005) também cita resultados de pesquisas da OIT, em parceria com sindicatos de jornalistas, que demonstraram tendências para a profissão: "devido às doenças insidiosas e, portanto, de difícil diagnóstico precoce, parte significativa desses profissionais não alcança sequer a aposentadoria" (HELOANI, 2003, p. 20).

Em pesquisas com ênfase nos aspectos psicológicos, psicopatológicos e psicossomáticos relacionados ao exercício do trabalho jornalístico, Heloani (2003, 2005, 2006) cita uma série de implicações do trabalho jornalístico na qualidade de vida destes profissionais. Para o autor, as novas tecnologias implantadas nas redações têm influenciado no desenvolvimento de estresse, entendido como "o esforço despendido por determinado organismo, diante de determinada demanda externa, seja essa solicitação excessiva ou moderada, boa ou ruim (HELOANI, 2006, p. 173)", além de distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (DORT), como as lesões por esforços repetitivos (LER).

O autor aponta oito categorias de qualidade de vida no trabalho (QVT): remuneração justa e adequada, condições de trabalho, desenvolvimento de capacidades, oportunidade de crescimento, integração social, constitucionalismo, equilíbrio entre vida e trabalho e relevância social do trabalho na vida.



Em sua pesquisa sobre a qualidade de vida os jornalistas, Heloani (2006) conclui que estes profissionais geralmente são "fracassados" no que diz respeito à vida afetiva e familiar e no cuidado com a saúde.

3 PROPOSTA METODOLÓGICA

Nossa hipótese atual é a precarização da profissão afeta a saúde destes profissionais. Esta foi uma das conclusões-hipóteses da nossa pesquisa anterior (BULHÕES, 2014), na qual investigamos a prática profissional, o *ethos* e a identidade dos jornalistas que atuam concomitantemente em redações jornalísticas e assessorias de imprensa em Natal-RN.

No atual projeto, buscamos desenvolver esta hipótese investigando sobre a saúde e a qualidade de vida no trabalho (QVT) de jornalistas brasileiros, tomando como recorte os que atuam nas cidades de Brasília-DF e Natal-RN, escolhidas tanto pela proximidade acadêmica da pesquisadora, quanto por questões peculiares locais e discrepâncias entre si.

Brasília-DF pode ser considerada a capital do jornalismo brasileiro, devido ao Distrito Federal ter a maior concentração de jornalistas per capita do país, que é aproximadamente um jornalista para cada quase 385 moradores; são cerca de 6.500 jornalistas em uma população média de 2,5 milhões de habitantes (SILVA, 2014).

Natal-RN foi considerada por anos a cidade com o mais baixo piso salarial do país. Com cerca de 1.700 jornalistas atuantes no mercado (MAIA; FEMINA, 2012), não é excepcional encontrar entre eles profissionais com mais de três empregos formais e também jornalistas que ganham abaixo do piso, que atualmente é R\$ 1.370,00 (FENAJ, 2015).

A primeira fase do trabalho pauta-se em pesquisa exploratória que, de acordo com Bonin (2011), é um movimento de aproximação ao fenômeno pesquisado, com vistas a conhecer suas especificidades. Pode incluir um levantamento de dados referente ao problema, além de trazer pistas que irão contribuir para a construção investigativa.

Nossa principal estratégia metodológica é a etnometodologia, que considera a linguagem comum como locutora da realidade social (COULON, 1995). Sendo assim o jornalista, ao falar de sua vivência profissional, pode revelar melhor a realidade social na qual está inserido. “A importância teórica e epistemológica da etnometodologia se deve ao fato de efetuar uma ruptura radical com modos de pensamento da sociologia



tradicional. Mais que teoria constituída, ela é uma perspectiva de pesquisa, uma nova postura intelectual” (COULON, 1995, p. 07).

Por proximidade com a metodologia escolhida, optamos complementá-la com a técnica da entrevista em profundidade, que consoante com Duarte (2008) serve para que se recolham respostas a partir da experiência de uma fonte. Ela permite a identificação de diferentes maneiras de perceber e descrever os fenômenos. Para o autor, representa uma “técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada” (DUARTE, 2008, p. 62).

Pereira (2012) destaca que a realização de pesquisas qualitativas exige um preparo extra do pesquisador entrevistador, que precisa considerar diferentes aspectos da interação com o entrevistado e considerar durante o processo de interpretação dos dados, analisando “a própria atuação do pesquisador no processo de construção da narrativa” (PEREIRA, 2012, p. 43).

Com relação aos instrumentos de coleta de dados, registraremos os dados das entrevistas por meio de gravações em áudio e anotações, com transcrição dos áudios em seguida. Todo esse material constitui a base para nossa análise dos dados empíricos, bem como as impressões e interpretações dos gestos e falas dos entrevistados. Consideramos, ainda, que no decorrer da pesquisa os sujeitos podem sofrer mudanças de postos de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos várias características da pesquisa em desenvolvimento, tendo em vista buscar contribuições para o avanço da mesma. Inúmeras pesquisas indicam que o trabalho, principalmente em circunstâncias de precarização, adoece (ANTUNES, 2009; DEJOURS, 1992, 1997, 2011; HELOANI, 2003, 2005, 2006). Nossa inquietação é saber em que medida isso ocorre no jornalismo, pois estudos sobre a saúde do trabalhador são desenvolvidas com maior frequência em outros campos, a exemplo de profissionais da educação.

A saúde dos jornalistas é um tema bastante debatido no senso comum, porém raríssimo em pesquisas acadêmicas. Destacamos a realização da pesquisa "Mudanças no mundo do trabalho e impacto na qualidade de vida do jornalista", de autoria de Heloani (2003, 2005, 2006), que pode ser considerada a mais aprofundada especificamente sobre o tema.



O Sindicato dos Jornalistas do Ceará realizou em 2010 uma pesquisa sobre a saúde e qualidade de vida e de trabalho dos jornalistas nas redações dos jornais impressos O Estado, O Povo e Diário do Nordeste e constatou que 61,39% dos trabalhadores que responderam o questionário apresentam problemas de saúde oriundos do trabalho, como dores nas costas, pescoço e articulações, seguidos de estresse, ansiedade, problemas de visão, dores nos braços, pernas e articulações, dores de cabeça, depressão e palpitações (SINDJORCE, 2010).

Já o Sindicato de Jornalistas da Bahia destaca que "a saúde dos jornalistas pode ser a mais comprometida entre todas as profissões: dores nas costas, na cabeça, L.E.R., insônia, gastrite, depressão, fadiga visual são alguns problemas motivados pelo estresse que comprometem a saúde dos jornalistas devido ao conturbado e alucinante dia-a-dia nas redações" (SINJORBA, 2015, p. 01).

Sabemos que as mudanças estruturais do jornalismo têm provocado transformações que julgamos influir em uma precarização do trabalho do jornalista, em virtude principalmente da redução das equipes, da produção de conteúdo multimídia e do aumento das jornadas de trabalho.

Nossa pesquisa anterior realizada em Natal-RN apontou de forma superficial para o fato de que aqueles que acumulam mais empregos são os que mais adoecem. Ao propormos uma investigação no âmbito do doutorado sobre como na atualidade o trabalho do jornalista interfere em sua saúde, buscamos contribuir primeiramente para a caracterização do jornalismo no contexto atual, e em um segundo momento, para o campo da Comunicação e Saúde. Assim sendo, o trabalho poderá contribuir para a percepção de uma situação que está oculta: a saúde dos jornalistas.

REFERÊNCIAS

ACCARDO, Alain. **Les journalistes précaires**. Paris: Le Mascaret, 1998.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. Ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

BONIN, Jiani Adriana. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: MALDONADO, E. et al. **Metodologias de pesquisa em comunicação**: olhares, trilhas e processos. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011, p. 19-42.



- BULHÕES, Juliana. **Perspectivas da prática profissional do jornalista assessor de imprensa**: o ethos, a identidade e as reflexões deontológicas no contexto da atuação simultânea em redações e assessorias de imprensa de Natal-RN. Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2014.
- COULON, Alain. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. 5. Ed. São Paulo: Cortez Oboré, 1992.
- DEJOURS, Christophe. **O fator humano**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- DEJOURS, Christophe; ABDOUCHELI, Elisabeth; JAYET, Christian. **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 2011.
- DRUCK, Graça. Trabalho, precarização e resistências: novos e velhos desafios? **Caderno CRH**, Salvador, v. 24, n. 1, p. 37-57, 2001.
- DUARTE, Ana Maria. **Precariedade e identidades**: questões para uma problemática. Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia. Atelier: Mercados, Emprego e Trabalho. Universidade do Minho, 2004.
- DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2008, pp. 62-83.
- FENAJ. **Piso salarial**. Disponível em: <<http://www.fenaj.org.br/pisosalarial.php>>. Acesso em 01 jun. 2015.
- GOMES, Isaltina Maria de Azevedo Mello. Saúde do trabalhador na pauta de discussão da VIII Conferência Brasileira de Comunicação e Saúde. **Comunicação e Sociedade**, v. 27, n. 45, 2006.
- HELOANI, José Roberto. Vivendo no limite: quem são nossos formadores de opinião? **Revista da USP**, São Paulo, n.65, p. 148-168, março/maio 2005.
- HELOANI, José Roberto. **Mudanças no mundo do trabalho e impacto na qualidade de vida do jornalista**. São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, NPP – Série Relatórios de Pesquisa – Relatório 12/2003.
- HELOANI, Roberto. O trabalho do jornalista: estresse e qualidade de vida. **Interações**, vol. XII, núm. 22, julho-dezembro 2006, pp. 171-198.
- MAIA, Kênia; FEMINA, Cleber. Os valores profissionais dos estudantes da UFRN: comunicação corporativa, entretenimento e jornalismo. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v. 2, n. 11, p. 82-94, 2012.
- MICK, Jacques; LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro**: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. Florianópolis: Insular, 2013.
- PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal. O jornalismo em tempo de mudanças estruturais. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 24, p. 38-57, janeiro/junho 2011.
- DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2008, pp. 62-83.



SANT'ANNA, Francisco. **Mídia das Fontes: o difusor do jornalismo corporativo**. Brasília: Casa das Musas, 2005.

SILVA, Cláudio Marcos da. **A precarização da atividade jornalística e o avanço da pejotização**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Brasília: Universidade de Brasília, 2014.

SINDJORCE. **Pesquisa do Sindjorce alerta sobre condição de trabalho nas redações**. Publicado em 18 out. 2010. Disponível em: <<http://www.sindjorce.org.br/blog/sindjorce-noticias/categoria/sem-categoria/pesquisa-do-sindjorce-alerta-sobre-condicao-de-trabalho-nas-redacoes>>. Acesso em 14 mar. 2015.

SINJORBA. **Saúde dos jornalistas**. Disponível em: <<http://www.sinjorba.org.br/entrevista04.php>>. Acesso em 14 mar. 2015.